



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



SHEILA SILVA DO NASCIMENTO

**ESTUDO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO
REPORTAGEM**

GARANHUNS

2018

SHEILA SILVA DO NASCIMENTO

**O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO
REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português, Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Como requisito parcial à obtenção de título de Licenciado em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof. Dra. Angela Valéria Alves de Lima

GARANHUNS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

N244e Nascimento, Sheila Silva do
Estudo dos operadores argumentativos no gênero
reportagem / Sheila Silva do Nascimento. – 2018.
54 f. : il.

Orientadora: Angela Valéria Alves de Lima.
Coorientadora: Emanuelle Camila Moraes
Albuquerque Lima.
Coorientador: Eudes da Silva Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Letras, Garanhuns, BR-PE, 2018.
Inclui referências e anexo(s)

1. Linguística 2. Análise do discurso 3. Oratória
4. Imprensa I. Lima, Angela Valéria Alves de, orient.
II. Lima, Emanuelle Camila Moraes Albuquerque,
coorient. III. Santos, Eudes da Silva, coorient. IV.
Título

CDD 410

SHEILA SILVA DO NASCIMENTO

**O USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO GÊNERO
REPORTAGEM**

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Angela Valéria Alves de Lima

Orientadora - UFRPE/UAG

Profª. Ma. Emanuelle Camila Moraes Albuquerque Lima

Examinadora - UFRPE/UAG

Prof. Drº. Eudes da Silva Santos

Examinador - UFRPE/UAG

GARANHUNS

2018

A Mainha, Célio, Sofia Vitória, Walquíria, Laís, Eduardo, Aninha e Davi.

Com muito amor!

AGRADECIMENTOS

Grata primeiramente a Deus por essa vitória alcançada, com a certeza de que sem ele nada seria possível, pois só Deus poderia ter me dado forças para trilhar esse caminho por tantos anos.

Imensamente agradecida a minha mãe, Maria Edrionice Silva, por ter me incentivado a estudar desde muito pequena, sempre me mostrando que a educação era o bem mais precioso que eu poderia conquistar. Por ter me estendido a mão durante estes longos anos, por muitas vezes viajando quilômetros, apenas para vir ficar com a nossa Sofia, para que eu pudesse ir à aula.

Ao meu irmão Celio Silva, que mesmo estando longe sempre torceu por mim.

Ao meu padrasto, João Hermínio, por ter me apoiado durante todo tempo e torcido por mim.

A minha, maravilhosa filha, Sofia Vitória, a pessoa mais encantadora que eu conheço, de uma alegria única e que ainda muito pequena, por diversas vezes, tive que me ausentar da sua presença para que, fossem cumpridos meus compromissos com a universidade.

Estendo meus agradecimentos, ainda, a Aldemir Florêncio, Katia Florêncio e Massilânia Bezerra, que, juntamente com a minha mãe, cuidaram da minha pequena, enquanto eu estava ausente.

A minha segunda mãe, Suzete Maciel Lopes (In memoriam), mais que uma patroa, a pessoa que tanto me incentivava a fazer o curso superior, que todos os dias, ao abrir o jornal pela manhã, retirava recortes, os quais, segundo ela, me ajudariam a estudar e me preparar para as provas do Enem.

E mais uma vez, estendendo meus agradecimentos a toda sua família, Manoela Maciel, Damiana Maciel, Débora Maciel, Heleno Lopes, Tereza, Maurício e Joana Lopes.

Aos meus colegas de curso, Roberto Araújo, Angela Cipriano, Geovana Ferreira, Débora Fernanda, Gabriele, Ricardo Soares, Izabela Borges, Valdelino Lourenço, Emerson Morais e Eliane Brito.

A minha orientadora, Dra. Angela Valéria Alves de Lima, por me fazer acreditar que eu conseguiria realizar este trabalho, obrigada por toda dedicação.

A professora Niede Guedes, por quem tenho um carinho especial, pela pessoa que ela é e muito respeito pela sua história, de força e perseverança.

A minha banca examinadora, Dr. Eudes Silva e Profa. Ma. Emanuelle Albuquerque.

Enfim, a todos meus familiares, amigos, colegas de graduação e colegas de trabalho, que, direta ou indiretamente, estiveram comigo, durante todo o curso, obrigada por todo carinho e incentivo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir o uso de operadores argumentativos em reportagens de cunho político, como forma de adesão ou manipulação do leitor, por parte autor. Para tanto, vamos nos basear, para enriquecimento deste trabalho, nos estudos de Koch (2000,2002 e 2003) e Parreira (2006). Estudos esses que trata sobre o uso dos operadores argumentativos no texto, não apenas como elemento gramatical, mas sob o ponto de vista semântico (Koch e Parreira) como também os estudos de Fiorin e Savioli (1996) e Ducrot (1987). Como objetivo pretendemos observar a função de cada operador argumentativo dentro do texto, analisando o contexto na qual foram empregados e a intencionalidade do autor por trás do seu uso.

Palavras-chaves: Operadores argumentativos, Argumentação, Reportagem.

ABSTRACT

This research aims to discuss the use of argumentative operators in political reports, seeking to answer if there is impartiality in the published texts and whether the use of argumentative operators was used as a form of adherence or manipulation of the reader, by the author. We will base our study on Koch (2000, 2002 and 2003), Parreira (2006) and Orlandi (2000). These studies deal with the use of argumentative operators in the text, not only as a grammatical element, but also from the semantic point of view (Koch and Parreira) as well as the theory that studies the influence of the relations of power in the adherence of the opinion of the other before the text (Orlandi). As results, we hope to reinforce the importance of recognizing the role of each argumentative operator within the text, analyzing the context in which were employed and the author's intentionality behind its use.

Keywords: Argumentative operators, Argumentation, Report.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OS ESTUDOS DE ARGUMENTAÇÃO.....	14
2.1. O Papel dos Operadores Argumentativos na Construção do Texto	16
2.2. Operadores Lógicos.....	18
2.3. Operadores Discursivos (Argumentativos)	20
3. GÊNEROS DO DISCURSO	22
3.1. Os Gêneros Jornalísticos e a Reportagem.....	23
4. METODOLOGIA	25
4.1. Tipos de Pesquisa	25
5. ANÁLISE DO USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM REPORTAGENS POLÍTICAS... 27	
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	37

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é de suma importância ao homem, porque é por intermédio dela que o sujeito consegue interagir com os demais, se expressar verbalmente a respeito do que quer e do que espera das pessoas e das situações, relatar acontecimentos, descrever fatos, expor nossas opiniões, ideias, ideologias, concordar ou discordar, enfim, se relacionar com o mundo através da verbalização do pensamento.

O homem utiliza a linguagem para se comunicar e atuar sobre o outro, em outras palavras, quando faz o uso do discurso, o sujeito já tem em mente uma reação que é esperada do(s) interlocutor (es), e cada argumento utilizado por ele foi escolhido na intenção de obter a adesão do outro a sua tese.

E é partindo dos estudos de Koch (2002), de que argumentar é persuadir a favor de uma ideia, que pretendemos fazer uma análise dos operadores argumentativos encontrados nos discursos de reportagens, estudando este mecanismo do ponto de vista da leitura e da interpretação de texto, e não apenas, observando do ponto de vista puramente gramatical, todavia, porém, fazendo a junção de ambos os fatores na construção do sentido do texto.

Quanto a análise de textos iremos trabalhar com o gênero jornalístico reportagem, devemos ressaltar que este gênero é pautado pela imparcialidade diante dos fatos, e que em tese os mesmos deveriam apenas relatar acontecimento, porém na prática, não é o que ocorre e é possível observar, através de uma leitura mais cuidadosa, mecanismos argumentativos utilizados pelo autor do texto que expressam um determinado tipo de opinião. Opinião esta que nem sempre condiz com as crenças defendidas pelo sujeito (jornalista/colunista), e sim com o que defende o editorial do veículo de comunicação.

Entretanto, nem sempre os leitores estão conscientes de todas as ferramentas possíveis de serem utilizadas na construção do sentido dos textos, talvez por isso, muitas vezes escutamos no discurso popular frases como, “é

verdadeiro tal fato, pois passou no jornal” ou ainda “é verdade, estava escrito na revista”, dando a entender que se algum fato foi noticiado através de um veículo de comunicação, reconhecido pelos leitores, então se trata da verdade.

A partir da análise dos operadores argumentativos dentro dos textos, sob este ponto de vista, pretendemos responder à seguinte questão: Qual o papel dos operadores argumentativos nas reportagens apresentadas a respeito dos acontecimentos que envolvem a prisão e uma possível candidatura presidencial do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva?

Sendo assim, como objetivo geral, iremos identificar o uso dos operadores argumentativos encontrados em reportagens de cunho político que tratem da prisão e de uma possível candidatura do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

E com foco neste questionamento, vamos observar, então, os operadores utilizados nos textos e descobrir se os mesmos foram empregados como mecanismos argumentativos numa tentativa de persuasão da opinião do receptor. Desse modo, como objetivos específicos, pretendemos analisar os operadores argumentativos utilizados pelo o autor no texto, observando à o modo como ocorrem, e investigar as semelhanças e as peculiaridades encontradas nas reportagens de ambas as revistas que fazem parte do *corpus* deste trabalho e esclarecer se a linguagem utilizada na reportagem contribui para a manipulação da opinião do leitor.

A importância desta pesquisa se justifica pelo fato de que para ser um leitor consciente e crítico que compreende o que lê e que faça o seu próprio julgamento diante dos fatos expostos pelas reportagens, é preciso reconhecer nos discursos, mecanismos e ferramentas que buscam persuadir a opinião do leitor em favor de um determinado ponto de vista, levando em consideração que, apesar de se tratar de um gênero jornalístico teoricamente imparcial, diversos aspectos dentro do texto nos mostram a linha de pensamento que é defendida pela publicação.

Portanto, quando lemos um texto ciente de que quem relatou os fatos, o fez segundo o seu ponto de vista, devemos fazê-lo de modo consciente, analisando primeiro tudo que foi colocado e de que forma pode está contido

naquele discurso ideias, ideologias, preconceito, etc., que pertence à convicção particular de quem escreveu o texto, ou a linha de pensamento defendida pela posição política da revista, como iremos explicar melhor na subseção Reportagem, mais adiante.

Com base no que foi exposto acima, o presente trabalho será disposto de acordo com a seguinte organização: a primeira seção, composta por esta introdução, que visa discorrer sobre o tema proposto, bem como, apresentar o questionamento que se pretende responder com esta pesquisa, como ainda apresentar os objetivos a serem atingidos e a justificativa para a escolha do tema.

Já na segunda seção, será apresentada a Fundamentação Teórica na qual nos basearemos para a realização deste trabalho, com apresentação de discussões elaboradas por Antunes (2005); Koch (1984, 2000, 2002 e 2003) no que diz respeito à Formação do Texto, A Construção do Sentido e aos Estudos dos Operadores Argumentativos das Estratégias Argumentativas e Parreira (2006).

No primeiro momento, iremos discutir acerca dos Estudos de Argumentação e no segundo momento, vamos discorrer a respeito dos Operadores Argumentativos e o seu papel na construção do texto.

Na terceira seção, serão apresentados os gêneros textuais, segundo Bakhtin e Bazeiman, logo em seguida será feita uma explanação a respeito dos tipos gêneros jornalísticos, e por fim uma leitura sobre o gênero escolhido para a elaboração deste trabalho, a Reportagem.

Na quarta seção, será apresentada a Metodologia, especificando o tipo de pesquisa, a organização do *corpus* e as categorias de análise do trabalho.

A quinta seção será composta pela Análise dos operadores argumentativos dentro dos textos selecionados e por fim, na sexta e última seção será exposta as Considerações Finais do trabalho.

Dessa forma esperamos que os resultados deste trabalho sirvam como uma reflexão da necessidade de desenvolver diversificadas habilidades de leitura,

que permitam a cada um de nós lermos textos, levando sempre em consideração todos os aspectos que envolvem o meio na qual ele foi produzido.

2. OS ESTUDOS DE ARGUMENTAÇÃO

Em seu livro, *Argumentação e Linguagem*, Koch defende que toda linguagem é argumentativa, que toda linguagem busca interagir, em favor da busca da adesão do outro à nossa opinião:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinada de suas opiniões (KOCH, 2000. p. 17)

Sendo assim, partindo da perspectiva de que o discurso é uma ação verbal dotada de intencionalidade, vamos olhar para o texto buscando entender o propósito do autor do discurso na utilização de determinados operadores argumentativos, buscando investigar como está sendo trabalhado este mecanismo da linguagem nos textos, visto que todo discurso procura indicar uma orientação argumentativa, vamos olhar os operadores não só como elos frasais, mas também como mecanismos que expressam sentido, e que por isso tem um propósito pré-estabelecido, em outras palavras, vamos olhar o texto do ponto de vista analítico da leitura.

[...] **o ato de persuadir**, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(s), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um “auditório particular”: o primeiro conduz a certezas, ao passo que o segundo leva a inferências que podem levar esse auditório – ou parte dele - à adesão aos argumentos apresentados. (KOCH. 2002 p.18, 19)

Em outras palavras, o interlocutor busca, através do diálogo, expor sua opinião de forma a convencer o interlocutor de sua veracidade, e se há um caráter ideológico por trás de seus argumentos, obviamente, não existe imparcialidade na sua fala. O objetivo então é sempre buscar a adesão do outro.

Ainda sobre o ato de argumentar, Fiorin e Savioli, em sua obra *Lições de Texto*, diz que o argumento não é uma prova de verdade dentro do texto, mas um recurso que leva o leitor a aceitar o ponto de vista de quem fala.

Por Consequinte, mais uma vez observamos a relação entre o uso da linguagem argumentativa e a busca pela adesão dos receptores, e por esse motivo foi analisado textos jornalísticos, do gênero reportagem que deveria ser um gênero pautado na neutralidade das informações, e apresentar apenas resultados de investigações jornalísticas, mas que, bem sabemos, relata os fatos sob o ponto de vista não apenas do jornalista, como também expõe a ideologia defendida pela linha editorial da revista, que pode, inclusive, ser contrária a do jornalista. Então, em uma reportagem não há apenas uma descrição de acontecimentos que foram levantados por meio de uma investigação, há também outros elementos que a compõem, dentre estes, elementos de razões ideológicas e políticas.

Ainda sobre o ato argumentar, Fiorin e Savioli afirmam, em outra de suas obras, *Para Entender o texto-Leitura e Redação*, que:

O discurso dissertativo [...] deve ser elaborado de maneira a criar um efeito de sentido de objetividade, pois pretende dar destaque ao conteúdo das afirmações feitas (ao enunciado) e não à subjetividade de quem as proferiu (ao enunciador). Quer concentrar o debate nesse foco e por isso adota expedientes que, de um lado, procuram neutralizar a presença do enunciador nos enunciados e, de outro, põem em destaque os enunciados, como se eles subsistissem por si mesmos. É claro que se trata de um artifício linguístico, porque sempre, por trás do discurso enunciado, está o enunciador com sua visão de mundo. (FIORIN e SAVIOLI. p. 309)

Em outras palavras, o texto deve falar por si só com argumentos elaborados de forma cuidadosa e bem pensada a ponto de que sejam forte suficientemente em suas palavras, de modo que ele pareça o mais imparcial possível dando ênfase ao conteúdo apresentado e não ao autor que escreveu.

E para reconhecer as intenções do autor dentro do discurso das reportagens, diversos aspectos devem ser levados em consideração durante a leitura, dentre eles, a linha editorial da revista, pois cada uma defende a sua ideologia política. E conhecendo esta linha editorial, é possível entender por qual razão, alguns textos se inclinam mais para a política de direita ou para a esquerdista, ou ainda procura fugir dos rótulos de ambas.

Nesse sentido, fica ainda mais importante que as leituras sejam realizadas de forma analítica pelo leitor, levando em consideração não apenas as palavras e os termos empregados pelo emissor, mas também aquelas colocações ou posições que não foram empregadas de forma literal, sendo de modo intencional ou não, mas que é possível de perceber implícita no texto.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de que argumentar é persuadir, Ilari e Geraldi (1999), fazem a seguinte observação:

[...] a situação de enunciação precisa ser tomada não como um fator entre outros, mas como o ponto de partida para a análise. Para usar a expressão feliz do linguista francês Émile Benvenistes, estes fenômenos demonstram a “presença do homem na língua” [...]. (p. 65)

Sendo assim, ao analisarmos o material presente no *corpus* deste trabalho, que como foi dito anteriormente, que trata de reportagens que se referem a situação política e atual, do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, devemos levar em consideração o veículo na qual está o texto, as ideologias que o mesmo defende, o momento em que o texto foi publicado (tempo cronológico), a situação política de seus principais concorrentes, etc. Para que só então possa aparecer a “presença “ do homem na língua, que na verdade trata-se da opinião implícita dentro do discurso.

Opinião esta, na qual o autor tem a pretensão de nos fazer aceitar e por isso usa de diversos recursos para alcançar seu objetivo, dentre eles lança mão de uma soma de argumentos a seu favor, organizados dentre outros mecanismos, na forma de Operadores Argumentativos, como iremos ver melhor na próxima subseção.

2.1. O Papel dos Operadores Argumentativos na Construção do Texto

Os operadores argumentativos são tratados na gramática tradicional como elementos relacionais, alguns são conectivos, como, por exemplo: mas, porém, embora, enquanto outros, segundo Koch (2002), não se encaixam em nenhuma das classes gramaticais e são palavras denotativas de inclusão, de exclusão, de retificação ou de situação.

Ingedore Koch, em sua obra, *A Inter-ação pela Linguagem*, diz que os Operadores Argumentativos estão conceituados da seguinte maneira:

O termo *operadores argumentativos* foi cunhado por O. Ducrot, criador da Semântica Argumentativa (ou Semântica da enunciação), para designar certos elementos da gramática de uma língua que tem por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam. (Koch, 2003, p. 30)

Complementando a ideia exposta em sua obra anterior, acerca dos operadores e de sua força argumentativa, a autora afirma que:

Considerando-se como constitutivo de um enunciado o fato de se apresentar como orientando a sequência do discurso, isto é, de determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, faz-se preciso admitir que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros. (KOCH, 2002, p.102)

Em outras palavras, por meio dos operadores argumentativos, é possível para o autor fazer caminhos de leitura que levem o leitor à determinada conclusão, já que o enunciado não se trata apenas do que é dito, mas também de que forma foi dito e com qual intenção.

Os operadores argumentativos são estudados em sala de aula de forma que sejam separados e classificados sem levar em conta sua importância diante da interpretação de texto, pois, apesar de fazerem parte da gramática, recebem pouca atenção quando se trata das aulas com foco na construção e interpretação de texto.

Alguns operadores argumentativos podem ser encontrados na gramática classificados como conjunções, advérbios, ou ainda, como palavras sem classe definida, o que não modifica sua importância, uma vez que eles são responsáveis pela força argumentativa do discurso, construindo e orientando o leitor pelo texto.

Ainda sobre este mecanismo linguístico, vale ressaltar dois conceitos das teorias de Koch a respeito de sua funcionalidade. O conceito de Classe Argumentativa e o conceito de Escala Argumentativa.

Sobre o conceito de Classe Argumentativa a autora diz que; uma classe argumentativa é feita a partir de um conjunto de enunciados que podem,

igualmente, servir de argumento para uma mesma conclusão. Enquanto que sobre a Escala Argumentativa, ela afirma que ocorrem quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de uma força crescente, no sentido de uma mesma conclusão (Koch, 2003).

Ou seja, através desses conceitos, é possível não apenas conhecer os argumentos utilizados no discurso, mas também a escala de importância que o autor dá a ele, melhor dizendo, o autor expõe o enunciado e depois “classifica” os argumentos e os apresenta mostrando qual, segundo ele, é o mais forte, aquele argumento que vai influenciar no questionamento do leitor.

Com o olhar voltado para os estudos de Koch, faremos as análises dos operadores argumentativos encontrados nos textos, sob a perspectiva de que, devemos fazer leituras conscientes, observando o papel de cada operador no momento da oração na qual ele está inserido.

Parafraseando Koch, Parreira (2006) diz que os operadores argumentativos do discurso são os elementos responsáveis pela estruturação do texto e que se distinguem em dois tipos básicos de elementos de conexão interfrástica: os do tipo lógico e os do tipo discursivo.

Os do tipo lógico têm a função de apontar o tipo de relação que o locutor estabelece entre o conteúdo de proposições em um único enunciado. Os do tipo discursivo, por estruturarem os enunciados dos textos por meio de encadeamentos sucessivos, são denominados operadores de discurso. (PARREIRA, 2006, p. 39)

Sendo assim, na próxima subseção, iremos discorrer mais a respeito destes dois tipos de operadores argumentativos.

2.1.1. Operadores Lógicos

Em seu livro *Coesão e Coerência Textuais*, Fávero explica que em um texto todos os enunciados estão ligados uns aos outros formando assim o discurso, e que esta interdependência é formada através do uso dos operadores lógicos e discursivos.

O primeiro, do tipo lógico, como a própria nomenclatura diz, tem por função estabelecer uma relação lógica de conexão entre um enunciado e outro.

Os operadores do tipo lógico têm por função o tipo de relação lógica que o escritor/locutor estabelece entre duas proposições (não devem ser confundidos com os operadores lógicos propriamente ditos, porque as línguas naturais têm sua própria lógica, diferente da lógica formal). (FÁVERO, p. 35)

Estes operadores são divididos em: disjunção, condicionalidade, mediação, complementação e restrição ou delimitação.

A tabela abaixo condensa cada um destes, segundo a autora:

Disjunção	<p>Combina proposições por meio do conector ou, que pode ser inclusivo. Essa relação só é verdadeira se, uma das proposições ou ambas forem verdadeiras.</p> <p>Ex: - Quer sorvete ou chocolate?</p> <p>- Quero os dois.</p>
Condicionalidade	<p>Conecta proposições em relação de dependência, onde uma só será verdadeira se conseqüentemente a primeira for.</p> <p>Ex: Se chover, não iremos à festa.</p>
Mediação	<p>Este tipo de relação é expressa por duas proposições, onde uma das quais exprime o meio para se atingir um determinado fim.</p> <p>Ex: Fugiu para que não o vissem.</p>
Complementação	<p>Esta se expressa por duas proposições, uma das quais complementa o sentido de um termo da outra.</p> <p>Ex: Mariana deu um presente a Luís.</p>

Restrição ou Delimitação	Neste caso são formados por duas proposições em que uma restringe, limita a extensão de um termo da outra. Ex: Vi a menina que toca piano.(a menina)
--------------------------	---

No caso dos operadores lógicos, estes não serão analisados de forma mais profunda, tendo em vista que esta pesquisa visa trabalhar com os operadores do tipo Discursivos presente na próxima subseção.

2.1.2. Operadores Discursivos (Argumentativos)

Segundo Fávero os operadores do tipo Discursivos podem ser de conjunção, disjunção e contra junção.

Vamos observar então a segunda tabela, parafraseando-o, referente a estes operadores:

Conjunção	Trata-se do tipo de conexão cujos conteúdos se adicionam: baseia-se na relação semântica de compatibilidade
Disjunção	Na disjunção de enunciados se têm orientações discursivas diferentes, diferentemente da Disjunção Lógica como foi citado anteriormente, nos operadores lógicos, que precisa que um ou os dois enunciados seja verdade, e que ambos estejam direcionado a uma mesma conclusão.
Contra Junção	Designa-se ao tipo de conexão que articula sequencialmente frases cujos conteúdos se opõem.

Ainda segundo Koch (2002), os operadores de tipo discursivo são responsáveis pela estrutura das orações dentro dos textos, por meio de encadeamentos sucessivos, onde cada enunciado é um ato de fala distinto.

Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre o conteúdo de duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. Prova de que se trata de enunciados diferentes, resultantes cada um de um ato de fala particular, é que eles poderiam ser apresentados, sob forma, de dois períodos ou até proferidos por locutores diferentes. Assim, tais encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto: daí a denominação dada aos conectores por eles responsáveis de operadores ou encadeadores de discurso. (KOCK, p. 43)

Neste tipo de relação, as orações não são dependentes uma da outra, mas como a autora mesmo citou, podem inclusive pertencer a dois locutores diferentes, ainda assim dão encadeamento ao discurso, formando um caminho.

No caso dos Operadores Discursivos de Junção estes tem a finalidade de ligar enunciados em que os argumentos levem a uma mesma conclusão, como a autora exemplifica:

João é, sem dúvida, o melhor candidato. Tem boa formação e apresenta um consistente programa administrativo. Além disso, revela pleno conhecimento dos problemas da população. Ressalte-se, ainda, que não faz promessas demagógicas. (p. 43)

Quanto aos Operadores de Disjunção, ela explica que o mesmo ocorre quando os enunciados possuem duas informações distintas, porém com o intuito de levar o leitor a aceitar a opinião expressa no primeiro enunciado. Como no exemplo: “Todo voto é útil. Ou não foi útil o voto dado ao rinoceronte “Cacareco” nas eleições municipais, há alguns anos atrás?” (p. 43).

Por fim, os Operadores Discursivos de Contra Junção, trata-se de enunciados opostos, entre os quais prevalece o argumento que foi exposto após o operador, que no geral, são operadores de oposição, como: mas, todavia, porém, contudo e etc. Como nos exemplos abaixo:

Embora desconfiasse do amigo, nada deixava transparecer. O calor continua insuportável, apesar da chuva que caiu o dia todo. (p. 43)

Ou seja, aqui observamos que o primeiro enunciado do calor muito grande, que nos leva a subentender que não há presença de chuvas, mas logo após ser colocado o operador de oposição apesar, é exposto o argumento que prevalecerá.

Tendo visto sobre os operadores argumentativos e seu papel dentro do texto, vamos observar agora os estudos a respeito dos Gêneros Textuais, e mais posteriormente, o gênero jornalístico Reportagem, visto que este foi o gênero escolhido para esta pesquisa.

3. GÊNEROS DO DISCURSO

Para o estudioso Bakhtin (1992), há uma extrema heterogeneidade de gêneros discursivos essenciais à comunicação, que se desenvolvem e se diversificam à medida que é necessário se adequar a cada esfera da atividade humana (científica, técnica, publicitária, humana). (p. 262)

Muito importante no processo de comunicação e argumentação, os Gêneros do Discurso existem há centenas de anos, porém, antigamente estes não eram estudados de forma tão ampla como nos dias atuais, pois, na verdade antes os estudos a respeito das formas de comunicação oral e escrita tinham foco apenas nos textos literários.

(...) a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. Estudavam-se - mais que tudo - os gêneros literários. Mas da Antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte da sua especificidade artístico - literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos, mas tem com estes uma natureza verbal (linguística) comum. Quase não se levava em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos. Começando pela Antiguidade, estudavam-se Os gêneros retóricos (demais, as épocas subsequentes pouco acrescentaram a teoria antiga); ai já se dava mais atenção à natureza verbal desses gêneros como enunciados, a tais momentos, por exemplo, como a relação com o ouvinte e sua influência sobre o enunciado, sobre a conclusibilidade verbal específica do enunciado (a diferença da conclusibilidade do pensamento), etc. (p. 262, 263)

Em outras palavras, quando se falava em gêneros, na verdade estava se falando do estudo das formas da literatura e a maneira em que os enunciados eram trabalhados buscando atingir o ouvinte.

Mais à frente, o autor diz que não se pode deixar de levar em consideração a heterogeneidade dos gêneros, a dificuldade de definição de alguns deles nem a classificação dos mesmos como gêneros primários ou gêneros secundários. Aliás, sobre a classificação deles, é imprescindível lembrar que os gêneros discursivos primários são aqueles que se desenvolvem de maneira mais simples, no ambiente cotidiano, constituído de uma linguagem informal e intimista, como por exemplo, em cartas pessoais, bilhetes e conversas com pessoas com as quais temos uma relação próxima.

Já quanto aos gêneros discursivos secundários, Bakhtin explica que estes se desenvolvem de maneira complexa, com regras específicas e forma pré-estabelecida, são organizados e fazem uso da linguagem formal e da norma culta da gramática. São exemplos de gêneros discursivos secundários: documentos oficiais, tratado de leis, escritos científicos, publicidades, e etc.

Dentro dos gêneros discursivos secundários, temos os que fazem parte dos gêneros jornalísticos, a notícia, o editorial, o artigo, a nota, entre tantos outros existentes, todavia, para integrar o corpus deste trabalho foi escolhida a Reportagem, como veremos a seguir.

3.1. Os Gêneros Jornalísticos e a Reportagem

Tendo em vista que as áreas que envolvem a comunicação jornalística, não param de crescer, no que se diz respeito a formatos de se trabalhar a informação, já que nos últimos anos, por conta das mídias digitais, surgem mais maneiras de se trabalhar o discurso no jornalismo, fica cada vez mais difícil que estudiosos concordem quanto à classificação das manifestações jornalísticas atuais.

A classificação das manifestações jornalísticas, no tempo e no espaço, vem sendo objeto de instigante debate entre teóricos, desde que o Jornalismo se converteu em objeto de reflexão acadêmica. Há os que advogam critérios fundamentados na observação empírica, ou seja, ancorados nas práticas cotidianas das empresas. Outros constroem esquemas baseados em variáveis exógenas, subordinadas à natureza das expressões linguísticas correntes na sociedade. E há até mesmo os que endossam categorias pós-modernas, caracterizadas pelo hibridismo das formas e pela contaminação dos conteúdos. Os confrontos de ideias

e de posicionamentos se explicam em razão dos múltiplos lugares de observação em que se situam os estudiosos do campo comunicacional e das áreas conexas. A diversidade de pressupostos e de diagnósticos resulta numa gama de classificações que ambiciona compreender como a imprensa se articula, ao passo em que também arrisca dar nomes e atribuir status às muitas classes textuais que jornalistas e colaboradores regularmente produzem. (MELO e ASSIS, p. 2016)

Como os próprios autores explicam, seria muito ambicioso, compreender a forma como o jornalismo se desenvolve, pois há uma multiplicidade de lugares de onde se vê o trabalho jornalístico, e a cada dia aumenta mais o número de plataformas onde o discurso jornalístico pode ser encontrado. Mas alguns estudos mais antigos, anterior aos meios de comunicações digitais, apontam algumas categorias básicas.

Os gêneros jornalísticos se dividem em três categorias básicas de atuação: os informativos, os opinativos e os ilustrativos ou visuais. Na primeira categoria, os gêneros informativos estão presentes em construções discursivas como, a notícia, a reportagem e o artigo científico. Já na segunda categoria estão, o editorial, o artigo de opinião, o comentário, a carta do leitor, a coluna, a crônica e a crítica. Por fim na ultima categoria se encaixam textos como a caricatura, a foto/jornalismo, o cartoon e o texto publicitário.

Como já foi amplamente relatado, iremos trabalhar com o texto reportagem, que é um gênero jornalístico informativo. Vamos observar as considerações de Melo sobre este gênero.

A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. (MELO, p.66)

Sendo assim, contextualizando com o corpus deste trabalho, a escolha das devidas reportagens, se deu pelo fato de que a prisão do ex- presidente Lula e uma possível candidatura dele estavam sendo amplamente discutidas no meio jornalístico.

Outro fator importante de ressaltar, é que, no discurso da reportagem, não existe apenas o relato dos fatos, por trás de toda uma forma estética de composição que deve ser respeitada, existe também a linha editorial que deve ser seguida pelos profissionais daquela instituição.

Ou seja, anterior às convicções de quem escreve, ainda há a posição política que é defendida pelas revistas. Vamos observar então as considerações do Anuário Unesco (2016), a respeito de cada uma das publicações.

Produzida pela editora Abril, a *Veja*, considerada por muitos uma espécie de escudo neoliberal no Brasil, utiliza uma linguagem mais dura ao abordar a economia e a política. A empresa, cuja linha editorial foi contrária às gestões petistas (2002 a 2016), agrupa profissionais com opiniões mais conservadoras. O periódico busca, através de suas reportagens, defender o livre mercado, a individualidade, a não intervenção do Estado (Estado Mínimo) e o conservadorismo cultural e religioso. (p. 170)

Agora vejamos as atribuições do referido Anuário e posteriormente, também a posição de Fernandes (2016) sobre a revista *Carta Capital*:

Já a revista *Carta Capital*, fundada em 1994, é produzida pela editora *Confiança*. O periódico busca interagir com a ideologia de centro-esquerda e utilizam em seus discursos, argumentos a favor de um maior controle estatal econômico, da interferência do governo em quase todos os setores sociais e da igualdade como um dos pilares ideológicos, acima de outros fatores de ordem cultural, moral e religiosa. (p. 171)

De acordo com Fernandes (2016, p.43) *apud* Anuário UNESCO (2016, p.171), a revista *Carta Capital*, traz em seu corpo editorial, colunas e parcerias, reconhecidas personagens de parte da esquerda, além de abordar temas políticos, econômicos e culturais mais progressistas. Caracterizou-se por apoiar os governos petistas, antes e após a vitória de Lula em 2002.

Ou seja, não apenas os estudos já citados, mas outros concordam que há uma oposição política entre as duas revistas, e neste trabalho iremos analisar de que forma os operadores argumentativos são utilizados em seus discursos.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipos de Pesquisa

A pesquisa que será desenvolvida irá abranger a pesquisa qualitativa, como podemos observar nas palavras de Neves (1996):

Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objetos de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu

desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996 .p. 01)

Sendo assim, esta pesquisa será qualitativa porque dentro dela haverá uma busca de respostas feita por meio de análise do modo de construção de texto, buscando especificar os aspectos que o formaram.

Ou seja, procedimentos qualitativos, quanto à análise textual, sob o ponto de vista semântico e interpretativo, e procedimentos quantitativos quanto à seleção e classificação dos operadores argumentativos trabalhados.

E sobre os procedimentos, eles serão aplicados em amostras previamente selecionadas, sendo uma reportagem de cada revista, a partir do questionamento que se pretende responder, e que passará por uma análise.

A pesquisa a ser desenvolvida será também, documental, pois nela serão analisados textos de reportagens, que ainda não foram objeto de análises anteriores.

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeo de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p.32).

As amostras da pesquisa serão selecionadas a partir de reportagens extraídas dos *sites* das revistas Carta Capital e Veja, atentando a reportagens que tenham como tema a prisão do ex-presidente Lula e sua possível candidatura às eleições presidenciais de 2018, publicadas no período de 05/06/2018 a 05/08/2018.

A escolha por estas revistas se deu pelo fato de serem, popularmente reconhecidas, como opositoras ao tratamento de ideologia política.

Os critérios utilizados para a escolha das reportagens, primeiramente foi que ambas tivessem sido publicadas em um curto período de tempo, o mais próximo possível, para que discursassem sobre o mesmo momento político. Já o outro critério utilizado, especificamente na escolha da reportagem da revista *Veja*, é que esta publicação estivesse disponível ao público não assinante, visto que em seu site, suas principais publicações são de conteúdo exclusivo para assinantes, por isso, conseqüentemente pago e logo após a seleção das reportagens, será apresentada uma tabela com todos os operadores argumentativos encontrados nos discursos.

No *corpus* da pesquisa vai constar uma reportagem de cada uma das revistas, *Carta Capital* e *Veja*, (versão eletrônica), sob a perspectiva da interpretação de texto e não da colocação gramatical, como já foi discutido anteriormente.

5. ANÁLISE DO USO DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM REPORTAGENS POLÍTICAS

Para falarmos de Operadores Argumentativos, devemos levar em consideração as palavras de Koch (2003), nas quais ela afirma que são eles que dão força argumentativa aos enunciados e organizam o texto de forma que o leitor percorra o caminho previamente definido por nós, levando-o assim à determinada conclusão.

Abaixo, apresentamos as reportagens selecionadas para o nosso *corpus* e faremos a análise, primeiramente, da reportagem da *Carta Capital* e, em seguida, outra da *Revista Veja*.

A reportagem da *Carta Capital*, cujo título é, *Com Lula ou sem Lula?*, tem como ideia central questionar se, nas eleições para presidente de 2018 o, ex-presidente Lula será candidato ou não, e o impacto disto nas eleições.

No primeiro parágrafo, vejamos os seguintes operadores:

A hora decisiva dos candidatos à Presidência da República chegou. **Mas** a hora H, **ainda** não. São muitos os nomes registrados no Tribunal Superior Eleitoral. Poucos, **no entanto**, com chances de vencer o pleito de 7 de outubro.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/revista/1015/com-ou-sem-lula>

O primeiro operador destacado é o **mas**, que tem a função de se contrapor ao primeiro argumento, expondo, logo após, uma opinião contrária. Nesse caso, o jornalista explica que, apesar de ter chegado a hora decisiva aos candidatos à presidência, pois chegou o período das eleições, a “hora H” ainda não chegou, ou seja, a hora em que um deles de fato se torna eleito o Presidente da República. Abaixo, vejamos as palavras de Koch, na definição da funcionalidade do **mas**.

O esquema de funcionamento do MAS, (o “operador argumentativo por excelência”, segundo Ducrot) e de seus similares é o seguinte: o locutor introduz em seu discurso um *argumento possível* para uma conclusão (...) logo em seguida, opõe-lhe um *argumento decisivo* para a conclusão contrária (...) recorrendo à metáfora da balança: o locutor coloca no prato A um argumento (ou conjunto de argumentos) com a qual não se engaja, isto é, que pode ser atribuído ao interlocutor, a terceiros, a um determinado grupo social ou ao saber comum de determinada cultura; a seguir coloca no prato B um argumento (ou conjunto de argumentos) (contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção (...)). (KOCH, 2003, p. 36)

Dando ênfase, o primeiro enunciado gerou uma expectativa contrária em relação a o que o autor realmente queria dizer, aqui o **mas**, coloca os enunciados em classes argumentativas opostas, pois eles não contribuem para uma mesma conclusão. O enunciado “Mas a hora H, ainda não”, tem um peso argumentativo maior, isso quer dizer que a balança “se inclina” em sua direção formando, assim, uma Escala Argumentativa crescente, em favor do segundo enunciado.

Vale ressaltar aqui também duas palavras que não são operadores argumentativos, mas, que são importantes na construção dos dois enunciados, são os advérbios de modo “muitos” e “poucos”. Eles não estão se referindo apenas à quantidade de candidatos que estão concorrendo ao pleito, mas também estão indicando a qualidade que ele dá aos candidatos, mostrando que naquele meio, poucos são capazes de ganhar, ou na pior das hipóteses, que poucos têm a competência de assumir o cargo presidencial, desqualificando assim alguns candidatos.

Quanto ao operador **ainda**, do mesmo grupo de operadores no qual está inserido o **mas**, assinala uma oposição entre os argumentos “a hora decisiva” e “a hora H”, primeiro marcando que trata-se da hora em que a política será decidida, porém em seguida se contrapondo e afirmando que essa ainda não é o momento final e decisivo, o mais importante.

O terceiro operador, **no entanto**, tem a mesma função que a do **mas**, e está contrariando a primeira afirmação que diz que, são muito os candidatos inscritos, o que subtende que, se são candidatos, podem vencer as eleições, mas logo em seguida é contraposto, supondo que, apesar de serem muitos candidatos, nem todos têm chance nas urnas.

Já no segundo parágrafo, observamos:

Trancafiado numa cela da Polícia Federal, em Curitiba, o ex-presidente Lula, prisioneiro político das forças conservadoras e reacionárias do País, incluindo as judiciárias, **ainda** influencia os destinos do processo eleitoral. **E** assusta.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/revista/1015/com-ou0sem-lula>

Nesse segundo destaque, observa-se, o operador **ainda** tem a função de introduzir no enunciado argumentos um conteúdo pressuposto, pois se ele “ainda” influencia os destinos do processo eleitoral, pressupõe-se, que ele já influenciava antes. Ou seja, acreditava-se que Lula preso não teria força política nestas eleições.

Quanto ao operador **e** (exemplo 2), esse aparece na frase com a função de somar argumentos em favor de uma mesma conclusão, e, nesse caso, o fato de o ex-presidente ainda influenciar nas eleições é somado ao argumento de que ele assusta. Ou seja, aqui há também, uma escala argumentativa crescente, porque além de influenciar os eleitores ele ainda assusta seus opositores, sendo assim, o fato de assustar, o argumento mais forte do enunciado.

Já no quarto parágrafo, temos o operador **conforme**:

Distantes de dois curtos meses para a votação, a pergunta de quase 147,3 milhões de eleitores, **conforme** informação recentíssima do TSE...

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/revista/1015/com-ousem-lula>

Aqui neste destaque, o **conforme** age, como o próprio nome sugere, fazendo uma relação de conformidade, ou seja, fala os números informados na pesquisa e em seguida expõe a fonte da mesma.

Já no sexto parágrafo observamos o operador **talvez**:

Os institutos de pesquisa e a mídia descartam, talvez precipitadamente e desconsiderando os labirintos da Justiça Eleitoral, a eleição sem Lula.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/revista/1015/com-ousem-lula>

Neste operador podemos observar que o autor discorda da postura da mídia e dos institutos de pesquisas, pois ele insere uma dúvida entre as orações, ao dizer, que estes podem estar agindo de forma a não considerar todas as vertentes da situação.

No sétimo parágrafo, linha 2 (exemplo 3), destacamos o seguinte operador:

O plano B do petista não teria fôlego e se dissiparia no curto espaço de tempo até a eleição. Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, **segundo** o Instituto Paraná, teria 2,8% das intenções de voto se a eleição fosse hoje. Este percentual aproxima-se do resultado do Ibope e do Datafolha.

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/revista/1015/com-ousem-lula>

Nesse último destaque, o operador **segundo** tem a função de apresentar credibilidade ao que o autor está dizendo, e então ele cita em seguida fontes que julgam ser confiáveis e de grande aceitação por seus leitores, e reforça que, segundo elas, tal argumento tem veracidade.

Agora observemos a segunda reportagem, agora da Revista Veja, intitulada, Especialistas avaliam que Lula poderia fazer campanha em prisão domiciliar,

Nesta reportagem, que tem como tema central as vantagens que o ex-presidente teria se ganhasse a prisão domiciliar. Aqui destacamos o operador argumentativo **mas**, no segundo parágrafo:

Para a advogada Karina Kufa, coordenadora do Curso de Direito Eleitoral do Instituto de Direito Público de São Paulo (IDP-SP), tudo dependeria dos contornos da decisão judicial, **mas**, em casa, o ex-

presidente poderia conceder entrevistas a veículos de comunicação (...).

Fonte:<http://veja.abril.com.br/politica/especialistas-avaliam-que-lula-poderia-fazer-campanha-em-prisao-domiciliar/>

Aqui o uso operador se dá de forma a acrescentar após o mesmo, o argumento mais forte do enunciado e, conseqüentemente, o argumento que também será decisivo na conclusão do pensamento a respeito da prisão domiciliar do réu. Primeiro, a advogada citada, diz que, todos os movimentos políticos dependeriam dos contornos do caso, para em seguida inserir o argumento mais forte, de que haveria privilégios ao réu, caso fosse para a prisão domiciliar.

Quanto ao terceiro parágrafo, destaca-se o operador **ainda**:

Outra possibilidade, aponta Kufa, é a de que Lula peça apenas para se recolher a noite, das 21h às 5h, utilizando o tempo restante para atos públicos de pré-campanha. “Se as restrições viessem a ser definidas de forma distinta, ele poderia viajar para outros estados”, acrescenta. Para a advogada Marilda Silveira, “de modo geral”, Lula **ainda** seria obrigado a dormir em casa, mas uma eventual progressão, facilitaria a gravação da campanha eleitoral.

Fonte:<http://veja.abril.com.br/politica/especialistas-avaliam-que-lula-poderia-fazer-campanha-em-prisao-domiciliar/>

Neste caso, o operador que está somando argumentos a que levam a uma mesma conclusão, a conclusão de que o réu teria muitos privilégios se estivesse em prisão domiciliar, e que além destes, ainda poderia ser obrigado a dormir em casa, o que na verdade, seria mais uma vantagem, pois em casa ele poderia receber aliados que fariam as gravações dos programas eleitorais, sem problema algum.

No sexto parágrafo da reportagem, linha 3 (exemplo 4), temos o seguinte enunciado:

O advogado Marcellus Ferreira Pinto lembra que o cumprimento da pena em casa obrigaria Lula a uma segregação semelhante do mundo

exterior a que ele enfrenta atualmente, **mas** lhe daria mais possibilidade de encontros com aliados e articulação. “Considerando que o local de cumprimento da pena passa a ser a sua residência, é natural que o apenado desfrute de certo contato com o mundo exterior, o que não seria possível caso o cumprimento da pena se desse no sistema prisional”, argumenta.

Fonte:<http://veja.abril.com.br/politica/especialistas-avaliam-que-lula-poderia-fazer-campanha-em-prisao-domiciliar/>

Isto é, assim como Maurício Dias, na primeira reportagem, o emprego do **mas** aqui, também tem a função de contradizer o primeiro enunciado, onde subtende-se que tanto na cela da Polícia Federal quanto em casa, Lula estaria cumprindo a pena da mesma maneira, se sujeitando a ter negado o seu direito à liberdade de ir e vir, porém o autor apenas colocou na balança, o argumento com o qual não concorda, pois em seguida, insere o **mas**, e completa, que em casa o réu poderia receber pessoas, e inclusive fazer articulações, políticas no caso.

Já em um segundo momento no oitavo parágrafo e na terceira linha, vemos o (exemplo 5).

Pertence chegou a apresentar à Segunda Turma do STF um pedido para que cogitasse a possibilidade de enviar o ex-presidente para o regime domiciliar há cerca de um mês. **No entanto**, ele foi desautorizado por Zanin, que se sentiu surpreendido com a iniciativa do ex-ministro. O advogado enxerga na alternativa uma desistência do esforço de provar a inocência de Lula.

Fonte:<http://veja.abril.com.br/politica/especialistas-avaliam-que-lula-poderia-fazer-campanha-em-prisao-domiciliar/>

Neste, como já citado, temos o operador, **no entanto**, aqui exercendo, mais uma vez, a função de contrapor o primeiro enunciado, assim como no exemplo (1) da primeira reportagem. Neste caso, o advogado Pertence fez um pedido para que Lula fosse para o regime domiciliar, mas foi surpreendido com a negação por parte de Zanin.

Por fim, no nono parágrafo, há o operador argumentativo **Desde então**:

Desde então, o ex-presidente do STF vem afirmando seu desejo de deixar a defesa do petista.

Fonte:<http://veja.abril.com.br/politica/especialistas-avaliam-que-lula-poderia-fazer-campanha-em-prisao-domiciliar/>

Neste caso, para entender melhor o uso deste operador , deve-se observar que no parágrafo anterior da reportagem, transcrito acima, o advogado enfrentou seguidas recusas favoráveis ao seu cliente, que o levou a pensar em desistir da defesa do mesmo. Sendo assim, o papel deste operador no enunciado é o de introduzir uma relação de causa/consequência entre aos resultados obtidos por Pertence e o fato dele pensar em não defender mais o ex-presidente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho fizemos uma análise dos operadores argumentativos encontrados nos discursos de reportagens. Nosso *corpus* foi constituído de reportagens dos *sites* de revistas Carta Capital e VEJA, com foco na prisão do ex-presidente Lula e sua possível candidatura à presidência da república, estudando estes mecanismos do ponto de vista da leitura e da interpretação de texto.

Observamos o uso dos operadores argumentativos, partindo dos estudos de Koch (2002) de que argumentar é persuadir em favor de uma ideia, observando o fator gramatical, todavia fazendo a junção de ambos os fatores na construção do sentido do texto.

Embasamos nossa pesquisa também nos estudos de Parreira (2006), Orlandi (2001), Kindermann (2003), entre outros. Todos abordaram, como objeto de estudo os operadores argumentativos e nos forneceram dados relevantes, a partir dos quais foram levantadas as hipóteses existentes neste estudo.

Ao analisarmos as reportagens, percebemos que se trata de uma linguagem polida, uma vez que sua produção difere da fala no que tange ao tempo de recepção do interlocutor, assim como o próprio processo de produção que proporciona ao escritor oportunidades de buscar a melhor forma de se expressar fazendo correções, quando necessário através do uso dos operadores argumentativos, ou seja, buscar, qual melhor se adapta no texto para convencer o leitor em um texto escrito.

Com os resultados deste trabalho foi possível observar o quanto é importante identificar os operadores argumentativos dentro das reportagens e reconhecer as funções de cada um naquele momento, levando em consideração o contexto que ocupam no discurso, visto que um mesmo operador pode mudar e ter mais de uma funcionalidade, a depender do momento textual em que foram empregados.

Foi possível, assim, chegar à conclusão que, por se tratar de pessoas, os autores não conseguem ser imparciais em seus textos na totalidade, uma vez

que, mesmo que não queira tomar uma posição diante da matéria realizada, as palavras, os mecanismos utilizados e as escolhas dos argumentos que compõem o enunciado entregam a intencionalidade por trás do texto, a um leitor mais atento e que conheça estas ferramentas discursivas.

Por fim, podemos concluir que não há imparcialidade dentro do gênero reportagem, nas revistas citadas no *corpus* desta pesquisa, pois o trabalho nos mostra a posição política que cada uma das revistas defende diante dos acontecimentos acerca do ex-presidente Lula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAUER e GEORGE. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: vozes, 2002.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS. **Manual metodologia do trabalho acadêmico**. Bahia.

FÁVERO, L.L. e KOCH, I.V. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORIN, J.L. e SAVIOLI, F.P. **Lições de Texto: Leitura e Redação**. São Paulo: Ática, 1996.

GERHARDT e SILVEIRA. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009.

KINDERMANN, C.A. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**. Tubarão – SC, Dissertação de mestrado/USSC/SC, 2003.

KOCH, I.V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, I.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I.V. **Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração. São Paulo: 1996

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso – Princípios e procedimentos**. Pontes, 2000.

PARREIRA, M.S. **Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal**. Uberlândia - MG, Dissertação de mestrado/ILEEL/UFU, 2006.

UNESCO, A.M. Ano 20 n.20,. 2016

ANEXOS

TEXTO 01 - CARTA CAPITAL

The screenshot shows a mobile browser interface. At the top, the status bar displays various icons including signal strength, Wi-Fi, 4G, and battery, along with the time 19:02. Below the status bar, the browser's address bar shows the page title "Com ou sem Lula? – CartaCapital" and the URL "www.cartacapital.com.br". The page header features a hamburger menu icon, the hashtag "#carta" in large bold letters, a search icon, and a user profile icon. The main content area starts with the word "Política" in a large red font, followed by the sub-header "Eleições 2018" in a smaller red font. The article title "Com ou sem Lula?" is displayed in a very large, bold black font. Below the title, the author "por Maurício Dias" and publication details "– publicado 04/08/2018 00h10, última modificação 03/08/2018 11h44" are shown. A short paragraph of text in italics reads: "Com ele, as pesquisas sempre o apontam como favorito. Sem ele, o plano B petista tem seus percalços". Below the text are five social sharing buttons: Facebook (397 shares), Twitter, LinkedIn (Share), WhatsApp, and Google+. The author's name "Christian Rizzi/Fotoarena" is positioned to the right of the sharing buttons. At the bottom of the article is a video player showing a close-up of a man's face, with the Android navigation bar visible below it.

Com ou sem Lula? – CartaCapital
www.cartacapital.com.br

#carta

Política

Eleições 2018

Com ou sem Lula?

por **Maurício Dias** – publicado 04/08/2018 00h10, última modificação 03/08/2018 11h44

Com ele, as pesquisas sempre o apontam como favorito. Sem ele, o plano B petista tem seus percalços

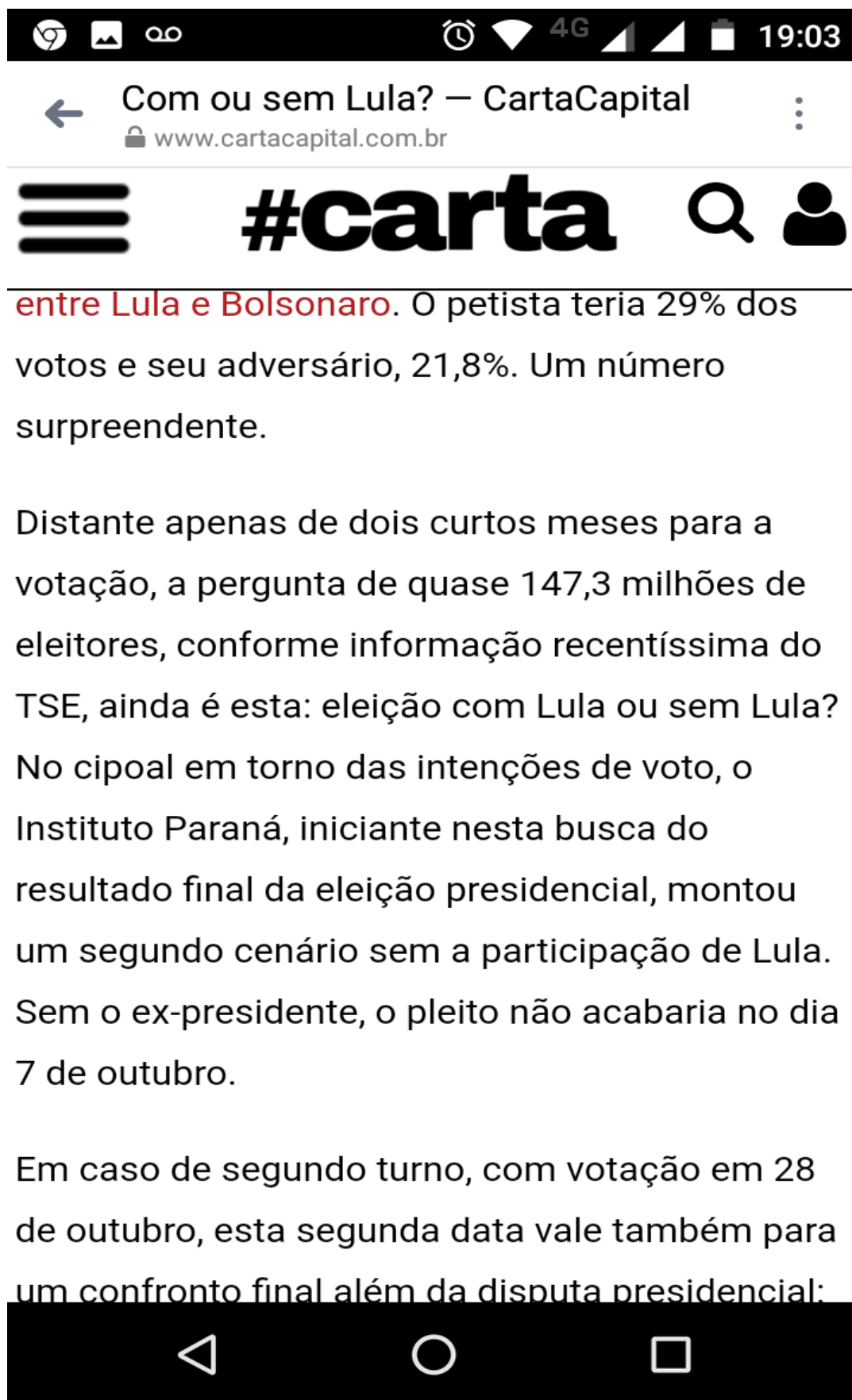
Compartilhar 397 Tweetar Share
Compartilhar Compartilhar

Christian Rizzi/Fotoarena

A hora decisiva dos candidatos à Presidência da República chegou. Mas a hora H, ainda não. São **muitos os nomes registrados no Tribunal Superior Eleitoral**. Poucos, no entanto, com chances de vencer o pleito de 7 de outubro.

Trancafiado numa cela da Polícia Federal, em Curitiba, o ex-presidente Lula, prisioneiro político das forças conservadores e reacionárias do País, incluindo as judiciárias, ainda influencia os destinos do processo eleitoral. E assusta.

Se a eleição fosse hoje, assegura a pesquisa do Instituto Paraná, o eleitor teria menos problemas. Caminharia até a urna eletrônica para **escolher entre Lula e Bolsonaro**. O petista teria 29% dos votos e seu adversário, 21,8%. Um número



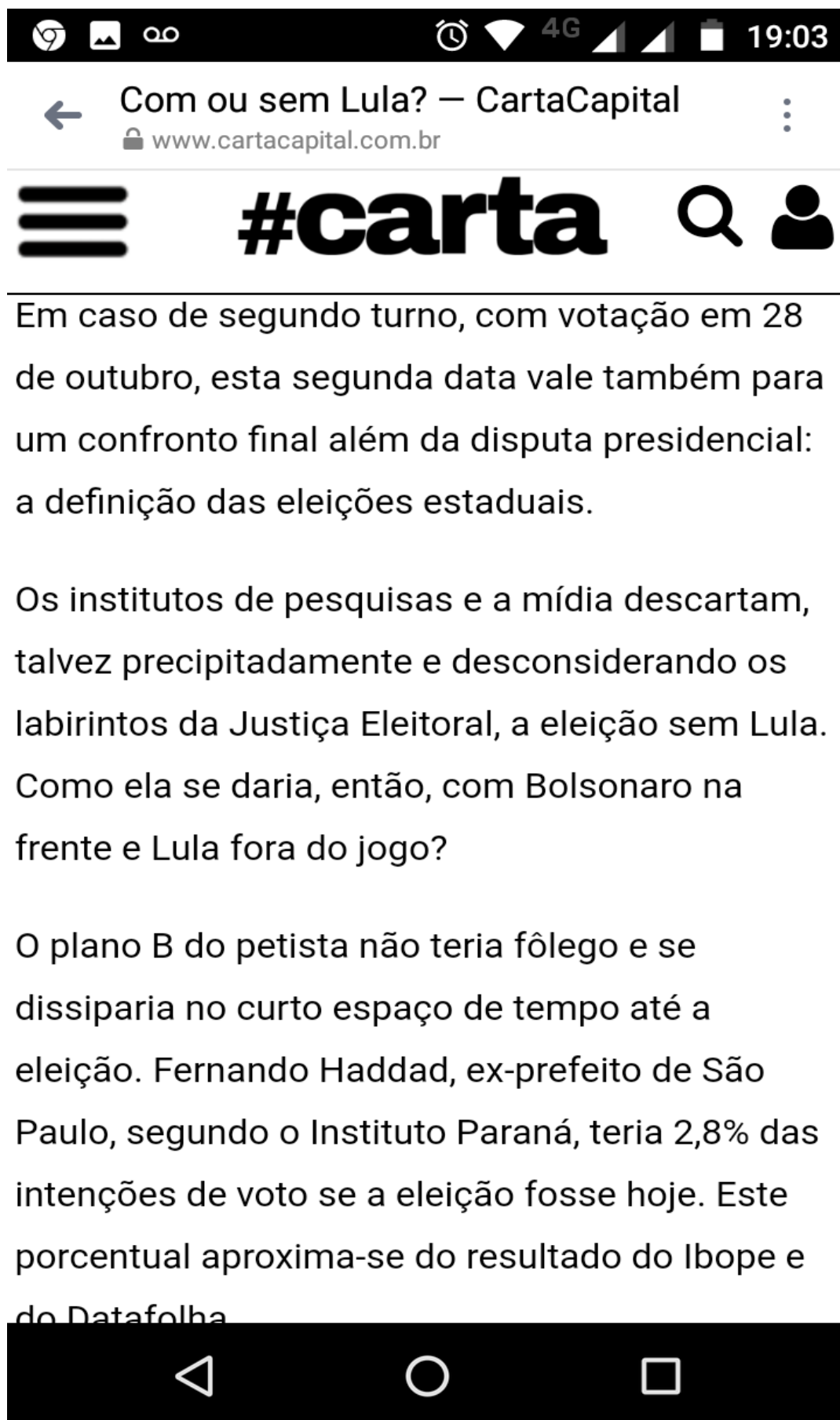
Com ou sem Lula? – CartaCapital
www.cartacapital.com.br

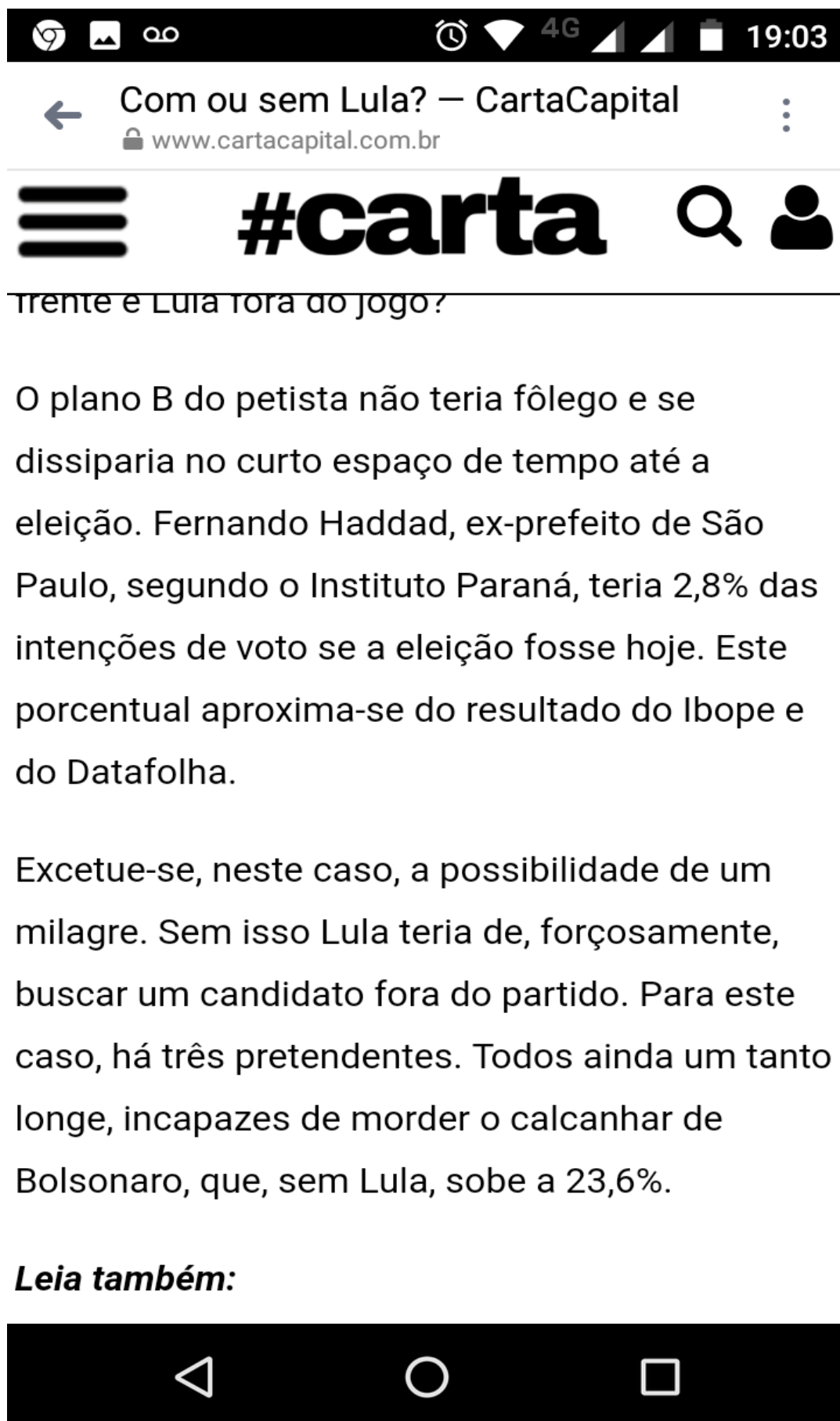
#carta

entre **Lula e Bolsonaro**. O petista teria 29% dos votos e seu adversário, 21,8%. Um número surpreendente.

Distante apenas de dois curtos meses para a votação, a pergunta de quase 147,3 milhões de eleitores, conforme informação recentíssima do TSE, ainda é esta: eleição com Lula ou sem Lula? No cipoal em torno das intenções de voto, o Instituto Paraná, iniciante nesta busca do resultado final da eleição presidencial, montou um segundo cenário sem a participação de Lula. Sem o ex-presidente, o pleito não acabaria no dia 7 de outubro.

Em caso de segundo turno, com votação em 28 de outubro, esta segunda data vale também para um confronto final além da disputa presidencial:





Com ou sem Lula? – CartaCapital
www.cartacapital.com.br

#carta

Trente e Lula tora do jogo?

O plano B do petista não teria fôlego e se dissiparia no curto espaço de tempo até a eleição. Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, segundo o Instituto Paraná, teria 2,8% das intenções de voto se a eleição fosse hoje. Este porcentual aproxima-se do resultado do Ibope e do Datafolha.

Excetue-se, neste caso, a possibilidade de um milagre. Sem isso Lula teria de, forçosamente, buscar um candidato fora do partido. Para este caso, há três pretendentes. Todos ainda um tanto longe, incapazes de morder o calcanhar de Bolsonaro, que, sem Lula, sobe a 23,6%.

Leia também:



#carta



Os candidatos em questão são Marina Silva (14,4%) e Ciro Gomes (10,7%). Curiosamente os dois disputaram e perderam as eleições de 2010 e 2014. Em caso de segundo turno, pode nascer daí uma aliança para enfrentar Bolsonaro.

Além dos dois candidatos apontados, resta o dilúvio: Geraldo Alckmin alcança, até agora, modestos 7,8%, com todo **apoio ficcional do Centrão**, um agrupamento de 12 partidos, além do PSDB, em Brasília, que são rivais nos estados.

É fácil perceber que as forças de esquerda, em parte rachadas, e as de direita, com o dito Centrão, este mais estraçalhado, vão sofrer o mesmo impacto. Todos, pela mesma razão: os conflitos nas alianças eleitorais nos estados.





← Com ou sem Lula? – CartaCapital
www.cartacapital.com.br



daí uma aliança para enfrentar Bolsonaro.

Além dos dois candidatos apontados, resta o dilúvio: Geraldo Alckmin alcança, até agora, modestos 7,8%, com todo **apoio ficcional do Centrão**, um agrupamento de 12 partidos, além do PSDB, em Brasília, que são rivais nos estados.

É fácil perceber que as forças de esquerda, em parte rachadas, e as de direita, com o dito Centrão, este mais estraçalhado, vão sofrer o mesmo impacto. Todos, pela mesma razão: os conflitos nas alianças eleitorais nos estados.

Mas... alto lá! Lula não anunciará a desistência sem antes percorrer os caminhos oferecidos pela Justiça. Ele será inscrito candidato à Presidência no dia 15 de agosto.



TEXTO 01 - VEJA



← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja

Assine

Instagram
Google Play
INSTALAR

Política

Especialistas avaliam que Lula poderia fazer campanha em prisão domiciliar

Detenção em casa poderia permitir ao ex-presidente conceder entrevistas e até gravar programas eleitorais, a depender da decisão da Justiça

Por **Da Redação**
🕒 24 jul 2018, 11h13 - Publicado em 24 jul 2018, 07h28

WhatsApp, Email, Facebook, Twitter, More options

o

18:55

← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja

Assine

Instagram
Google Play INSTALAR



O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com o ex-prefeito Fernando Haddad, cotado para substituí-lo na disputa eleitoral (Pedro Ladeira/Folhapress)

Centro de uma controvérsia entre os advogados do ex-presidente [Luiz Inácio Lula](#)



← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja


Assine

Instagram
INSTALAR
Google Play



O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com o ex-prefeito Fernando Haddad, cotado para substituí-lo na disputa eleitoral (Pedro Ladeira/Folhapress)

Centro de uma controvérsia entre os advogados do ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT), um eventual pedido de **prisão domiciliar** poderia, na visão de especialistas, permitir ao petista driblar algumas das restrições da sua pré-campanha à Presidência da República.



← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja

Assine

Instagram
Google Play
INSTALAR

Para a advogada Karina Kufa, coordenadora do curso de Direito Eleitoral do Instituto de Direito Público de São Paulo (IDP-SP), tudo dependeria dos contornos da decisão judicial, mas, em casa, o ex-presidente poderia conceder entrevistas a veículos de comunicação, o que ele tem reivindicado nas últimas semanas, para seguidas negativas da juíza da Vara de Execuções Penais de Curitiba, Carolina Moura Lebbos.

Outra possibilidade, aponta Kufa, é a de que Lula peça apenas para se recolher à noite, das 21h às 5h, utilizando o tempo restante para atos públicos de pré-campanha. “Se as restrições viessem a ser definidas de forma distinta, ele poderia também viajar para outros



atos públicos de pré-campanha. “Se as restrições viessem a ser definidas de forma distinta, ele poderia também viajar para outros estados”, acrescenta. Para a advogada Marilda Silveira, “de modo geral”, Lula ainda seria obrigado a dormir em casa, mas uma eventual progressão “facilitaria a gravação da campanha eleitoral”.

Nada disso, é claro, altera o fato de que o entendimento atual da Lei da Ficha Limpa considera o ex-presidente inelegível, uma vez que ele é condenado em segunda instância pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Entre os aliados do ex-presidente, a participação dele em atos de campanha é



← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja

Assine

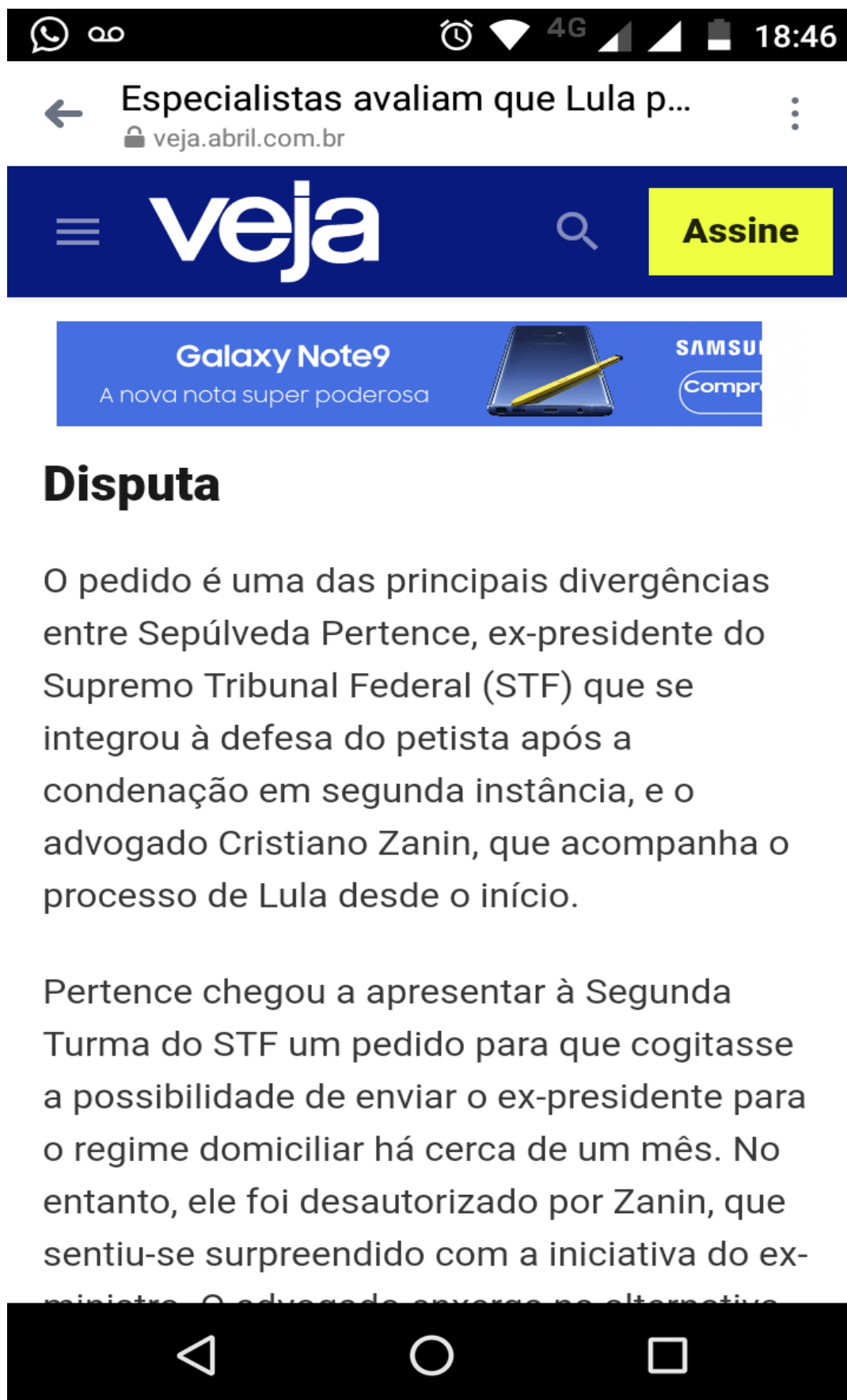
Instagram
Google Play INSTALAR

Hoje preso na carceragem da Polícia Federal em Curitiba, o ex-presidente pode receber apenas advogados e, em dias específicos, alguns amigos e aliados. Petistas com formação em Direito, casos de Haddad e do deputado Wadih Damous, se integraram à defesa técnica do ex-presidente para poder ter acesso a ele a qualquer momento.

O advogado Marcellus Ferreira Pinto lembra que o cumprimento da pena em casa obrigaria Lula a uma segregação semelhante do mundo exterior a que ele enfrenta atualmente, mas lhe daria mais possibilidade de encontros com aliados e articulação. “Considerando que o local de

defesa técnica do ex-presidente para poder ter acesso a ele a qualquer momento.

O advogado Marcellus Ferreira Pinto lembra que o cumprimento da pena em casa obrigaria Lula a uma segregação semelhante do mundo exterior a que ele enfrenta atualmente, mas lhe daria mais possibilidade de encontros com aliados e articulação. “Considerando que o local de cumprimento da pena passa a ser a sua residência, é natural que o apenado desfrute de certo contato com o mundo exterior, o que não seria possível caso o cumprimento da pena se desse no sistema prisional”, argumenta.



WhatsApp

18:46

← Especialistas avaliam que Lula p...
veja.abril.com.br

veja

Assine

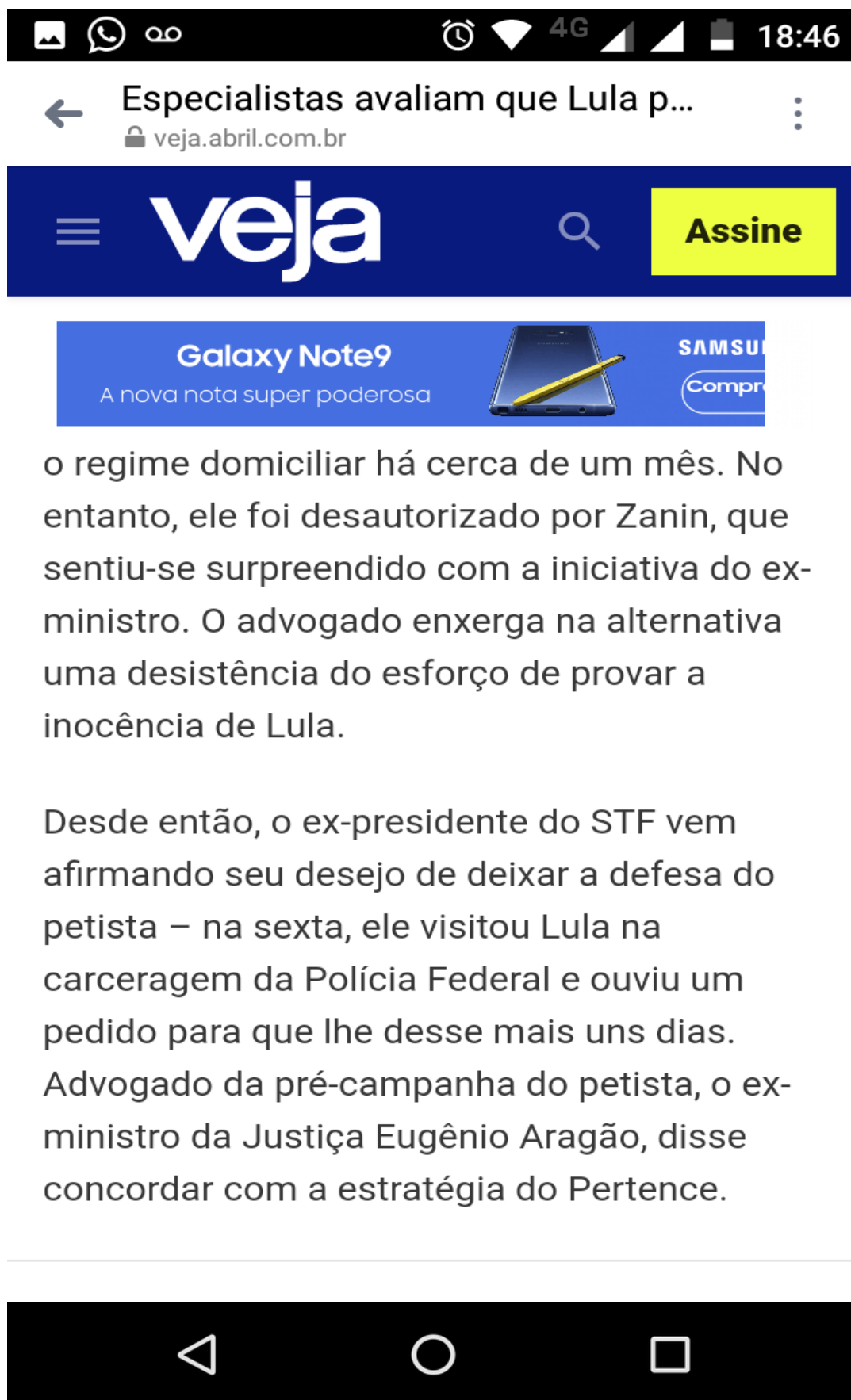
Galaxy Note9
A nova nota super poderosa

SAMSUNG
Compr

Disputa

O pedido é uma das principais divergências entre Sepúlveda Pertence, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) que se integrou à defesa do petista após a condenação em segunda instância, e o advogado Cristiano Zanin, que acompanha o processo de Lula desde o início.

Pertence chegou a apresentar à Segunda Turma do STF um pedido para que cogitasse a possibilidade de enviar o ex-presidente para o regime domiciliar há cerca de um mês. No entanto, ele foi desautorizado por Zanin, que sentiu-se surpreendido com a iniciativa do ex-



o regime domiciliar há cerca de um mês. No entanto, ele foi desautorizado por Zanin, que sentiu-se surpreendido com a iniciativa do ex-ministro. O advogado enxerga na alternativa uma desistência do esforço de provar a inocência de Lula.

Desde então, o ex-presidente do STF vem afirmando seu desejo de deixar a defesa do petista – na sexta, ele visitou Lula na carceragem da Polícia Federal e ouviu um pedido para que lhe desse mais uns dias. Advogado da pré-campanha do petista, o ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão, disse concordar com a estratégia do Pertence.